

GINGA E RESISTÊNCIA: DO SOM DO BERIMBAU À SONORIDADE DA SABEDORIA ANCESTRAL DA CAPOEIRA ANGOLA, UM MOVIMENTO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONAL NA EDUCAÇÃO

Márcio Elísio Veloso (Mestre Aranha)

Mestre de Capoeira Angola
marcioaranhacapo@gmail.com

Thiago Henrique Barnabé Corrêa

UFTM / Campus Centro
correa.uftm@gmail.com

Eliane Nascimento dos Santos

UFTM / Campus Centro
d202410975@uftm.edu.br

Flaviane dos Santos Malaquias

UFTM / Campus Centro
flaviane.malaquias@educacao.mg.gov.br

Luciana Ferreira dos Santos Vaz

UFTM / Campus Centro
luciana.vaz@uftm.edu.br

RESUMO: Fruto da disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais” e do programa Fala Mestres, este texto apresenta as experiências vivenciadas por um grupo de doutorandas em Educação. Unidas pela palavra “amor” – escolhida como base durante uma dinâmica da disciplina –, elas se dedicaram a aprofundar seus estudos com o Mestre Aranha, referência na Capoeira Angola em Uberaba, Minas Gerais. O grupo reconhece o potencial da Capoeira Angola como recurso pedagógico para a transformação social e de luta contra a discriminação institucional na educação. O objetivo é refletir sobre esse potencial, com base nas experiências vivenciadas com o mestre. A metodologia adotada é a Bionarrativa

Social, que valoriza aspectos culturais e saberes locais em diálogo com a biodiversidade. A pesquisa inclui revisões bibliográficas, visitas e observações em rodas de capoeira, além do diálogo com o Mestre Aranha. A síntese da pesquisa revela a Capoeira Angola como um espaço inclusivo e universal, com inúmeros benefícios para seus participantes e para a sociedade. Além de ancestral, a Capoeira Angola é uma atividade secular que mantém a tradição, a luta contra a discriminação e vivência a prática da equidade – pontos fundamentais em um ambiente educacional.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Discriminação Institucional. Educação. Equidade. Saberes Populares.

MOVIMENT AND RESISTANCE IN CAPOEIRA ANGOLA: FROM THE SOUND OF BERIMBAU TO THE SONORITY OF THE ANCESTRAL WISDOM, A MOVEMENT AGAINST INSTITUTIONAL DISCRIMINATION IN EDUCATION

ABSTRACT: This article presents an investigate result of the subject *“Interculturality and Popular Education: Afro-Amerindian Decolonial Knowledge”* and the *“Talk to the Master’s”* program held by the Doctoral Program in Education at The Federal University of Triângulo Mineiro in Brazil. The text presents the experiences of a group of doctoral students in Education. During a class activity, this group chose the word “love” to guide and unite a proposition of investigation of a capoeira group leaded by Mestre Aranha who is reference master of Capoeira Angola in the city of Uberaba, Minas Gerais. This students group recognizes the potential of Capoeira Angola as a pedagogical resource for social transformation and for combating institutional discrimination in education. The aim of this study is to reflect on its potential, based on the experiences shared with Mestre Aranha. The methodology adopted is called Social Bionarrative, which values cultural aspects and local knowledge in dialogue with biodiversity. The research includes literature reviews, visits and observations of capoeira cultural manifestation, as well as dialogue with Mestre Aranha. The research synthesis reveals Capoeira Angola as an inclusive and universal imaterial heritage, with countless benefits for its participants and for society. In addition to this, Capoeira Angola is a centuries-old cultural Brazilian practice that preserves tradition, resists discrimination, and embodies equity—fundamental aspects within an educational environment.

Keywords: Capoeira Angola. Institutional Discrimination. Education. Equity. Popular Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

*“A Capoeira é uma incógnita.”
(Mestre Aranha)*

Iniciamos nosso texto com um gesto de respeito à tradição da Capoeira Angola: o pedido de licença ao berimbau. Mais que um instrumento, o berimbau é a alma da roda, a voz dos ancestrais, a energia que conduz o jogo e nos conecta à sabedoria de nossos ancestrais. Ao pedirmos licença, estamos reconhecendo a sagrada presença do berimbau e solicitando

permissão para utilizar sua energia e magia para que o nosso trabalho seja guiado pela sabedoria ancestral.

1.1 UM CAMINHO DE DESCOBERTAS NA CAPOEIRA ANGOLA: NA TEIA COM O MESTRE ARANHA

“é cantando que se recebe quem chega, é cantando que se despede de quem vai”.
(Mestre Aranha)

Neste texto, nos envolvemos na teia de sabedoria do Mestre Aranha para desvendar o universo da Capoeira Angola. Este mestre se destaca na cidade de Uberaba (Minas Gerais), por sua luta incansável em disseminar seus fundamentos. No encontro com seus saberes, refletimos sobre o potencial da Capoeira Angola como um caminho para superar a discriminação institucional na educação e promover a inclusão social. E a vivência com os fundamentos da Capoeira Angola ecoa como um desafio de sentir a força da ginga, o ritmo do toque, a sabedoria dos cantos e a resistência ancestral da luta por equidade.

Esse trabalho é fruto da disciplina “Interculturalidade e Educação Popular: saberes afro-ameríndios decoloniais” e de nossas vivências pessoais frente aos encontros e visitas de campo no Centro Cultural de Capoeira Angola Tradição. Nesse estudo, vamos compartilhar um pouco dessa viagem pelos saberes populares e visibilizar seu impacto na sociedade, demonstrando como esses conhecimentos ancestrais podem ser um caminho eficaz para a luta antirracista e para a minimização da exclusão social que a população negra enfrenta no cotidiano.

Os autores deste trabalho são um mestre da Capoeira Angola; uma professora preta de arte da rede municipal e estadual, atuante no Ensino Fundamental II e Ensino Médio em Uberlândia, Minas Gerais; uma professora branca da Educação Profissional na rede federal, atuante em Uberaba, Minas Gerais; uma professora parda da Educação Básica, regente do Ensino Fundamental I e da Educação do Campo, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia; e, um professor branco de uma Instituição de Ensino Superior na rede federal, no Triângulo Mineiro.

A Capoeira, hoje reconhecida como atividade esportiva no século XXI, foi por muito tempo marginalizada no Brasil. Essa arte singular une ritmo, dança, esporte, luta, filosofia e musicalidade, com a agilidade corporal como característica marcante. De origem ancestral, desenvolvida por descendentes de pessoas escravizadas no Brasil, a Capoeira se divide em Regional e Angolana (DaMatta, 1979).

No âmbito da legislação brasileira, a Capoeira ganha destaque na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na Unidade Temática Lutas, abrangendo o Ensino Fundamental e Ensino Médio. A BNCC destaca a importância da Capoeira como patrimônio imaterial do país, abordado na temática Lutas do Contexto Comunitário e Regional, as Lutas do Brasil e as Lutas do Mundo (Brasil, 2018). Essas nomenclaturas reforçam o potencial da modalidade na educação e sua contribuição para a cultura brasileira.

Como destacam Souza Júnior, Nogueira, Carvalho Filho e Cavalcante (2023), os primeiros registros iconográficos da Capoeira Brasil datam do século XVIII, mas, à época, a modalidade foi tida como ilegal, tornando-se legalizada apenas no governo de Getúlio Vargas, quando denominada como uma arte. As personalidades que difundiram a Capoeira foram o famoso Mestre Bimba, baiano de Salvador, e o Mestre Pastinha, criando a Capoeira Regional e a Capoeira Angola – outra variante que se expandiu pelo Brasil e alcançou outros países, como ressalva Frigerio (1989). Segundo Barbosa (2005), Mestre Pastinha buscou elementos que pudessem identificar a atividade esportiva como digna de representação social em diversos espaços, enquanto Mestre Bimba desenvolveu um manual com uma sequência de golpes, fazendo dela algum tipo de ginástica de caráter nacional.

A Capoeira Angola é uma atividade que nos convida a dançar/lutar, a resistir/respeitar, a gingar com a história e, na malandragem/intelectualidade, resgatar/fortalecer a memória ancestral de um passado que se faz no presente/futuro e abre/fecha portas para um dia a dia mais justo e igualitário. Os praticantes da Capoeira Angola vivenciam experiências singulares, que extrapolam a percepção visual, conforme afirma Rodrigues (2017): nesse contato corpo a corpo, nos colocam em estado de estesia, mobilizando sensorialmente o nosso organismo.

Segundo Frigerio (1989), a Capoeira Angola se caracteriza por oito elementos que a definem como arte: a malícia, a complementação, o jogo baixo, a ausência de violência, os movimentos bonitos, a música lenta, a importância do ritual e a teatralidade.

Como salienta Bento (2022), a Capoeira Angola desmonta o “Pacto da Branquitude”. Sua malícia surpreende a mesmice do sistema; a complementação constante de ataque e defesa representa a resistência incansável; o jogo baixo conecta às raízes negras; a ausência

de violência desarma o racismo estrutural. A beleza de seus movimentos, sempre protegidos, simboliza a resistência; o ritmo lento da música convida à reflexão; os rituais preservam a tradição; a teatralidade desmascara a farsa de igualdade. Em sua inteireza, a Capoeira Angola é resistência e um caminho para desconstruir a discriminação institucional na educação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o intuito de desvendar como a Capoeira Angola pode servir como um espelho da luta contra a discriminação institucional na educação, este trabalho se baseia nas experiências vivenciadas no Centro Cultural de Capoeira Angola Tradição, em Uberaba, sob a orientação do Mestre Aranha. Para tanto, utilizamos a metodologia das Bionarrativas Sociais (BIONAS), que, segundo o Grupo de Estudos e Pesquisa em Interculturalidade e Educação em Ciências (GEPIC), é uma narrativa que contempla aspectos biográficos e autobiográficos, elementos da biodiversidade e um grupo social ou coletivo (Ferreira; Souza; Rédua; Macedo; Nascimento; Taroza, 2022, p. 67).

Essa metodologia refere-se a valorizar aspectos culturais e saberes locais em diálogo com a biodiversidade. Sobre a importância da perspectiva ecológica das sabedorias tradicionais, Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 39) apontam que

dos principais processos de diversificação mostra as relações estreitas entre vários deles e, especificamente, entre as formas de diversidade: biológica, genética, linguística, cognitiva, agrícola e paisagística [...]. Juntas, elas configuram o complexo biológico-cultural originado historicamente e que é o produto de milhares de anos de interação entre as culturas e os ambientes naturais.

Os autores refletem que, da mistura desses processos de diversificação, origina-se a memória biocultural de determinado grupo, bem como seus saberes locais. Isso propicia que os indivíduos em seu desenvolvimento em sociedade tenham uma memória coletiva e social. Por essa ótica, a manifestação cultural Capoeira Angola se insere nessa perspectiva.

Ao observar a história dos saberes locais dos diversos povos e nações, Quijano (2013) traz o conceito de colonialidade, que hierarquiza o povo já colonizado como inferior, o que persiste nas estruturas sociais.

Conforme salienta Almeida (2018), o racismo institucional, manifestação do racismo estrutural, consiste na desigualdade de tratamento imposta a pessoas negras em instituições. No Brasil, essa desigualdade perdura, apesar da abolição da escravidão, limitando o acesso à educação e ao trabalho, como certifica Cerqueira (2021). A discriminação institucional se caracteriza por seu "caráter rotineiro e contínuo", variando entre formas "abertas ou encobertas", e se manifesta, por exemplo, em "altas taxas de mortalidade infantil negra", devido a condições inadequadas de vida, de acordo com o que relata Bento (2022, p. 69). Por outro lado, Almeida (2018) ressalta que o conceito de racismo institucional faz avançar o estudo das relações raciais, ao transcender a análise de comportamentos individuais, reconhecendo as instituições como produtoras de desigualdade.

Ao dar visibilidade aos mestres do Centro Cultural de Capoeira Angola Tradição, dá-se o reconhecimento da riqueza cultural de seus saberes, bem como o fortalecimento da memória local do grupo, bem como da autoestima de seus participantes. Nesse sentido, o diálogo oportunizado entre universidade e espaços não formais de educação em projetos de extensão são também métodos mais humanos de construir o conhecimento e a pesquisa em outras epistemologias.

A extensão popular, portanto, pode promover o encontro amoroso de homens e mulheres que, mediatizados pelo mundo, o "pronunciam", o transformam e, o transformando, o humanizam para a humanização de todas e todos (Freire, 2015, p. 65)

Sendo assim, para destacar a sabedoria presente na oralidade do Mestre Aranha, todas as suas falas estarão escritas em *itálico*. Os registros, realizados em campo, nos encontros com o mestre no Centro Cultural de Capoeira Angola Tradição e, posteriormente, *online*, foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Neste texto, nos envolvemos na teia de sabedoria do Mestre Aranha, desvendando o universo da Capoeira Angola. A jornada de aprendizagem se divide em cinco tópicos, cada um abordando um aspecto fundamental da Capoeira Angola e de sua relação com a luta contra a discriminação institucional na educação. O próximo tópico explora a influência dos saberes do Mestre Aranha em nossa formação como educadores.

2.1 GINGA ANCESTRAL: ATRAVESSAMENTOS DOS SABERES DO MESTRE ARANHA NOS EUS/EDUCADORES

“É cair para aprender a levantar” (Mestre Aranha).

Já no primeiro dia de aula, nos unimos por meio de uma dinâmica coletiva promovida pelos professores Danilo Seithi Kato e Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini, responsáveis pela disciplina citada anteriormente. Os sentimentos envolvidos na experimentação corporal e na circularidade da roda em sala permitiu registros de palavras que representavam um sentimento. No encontro desse grupo, as palavras foram: “libertação”, “cura” e “acolhimento”. Na sequência, as pessoas que escolheram essas palavras decidiam um sentimento único que abarcava todos os sentimentos anteriores. A palavra geradora definida foi “amor”.

E, no coração do Triângulo Mineiro, sob o calor do sol das sextas-feiras, o grupo de educadores se reunia em sala de aula em busca de novos saberes. A roda se formava, a música ecoava e a energia tomava conta do espaço. A ginga pulsava no ar, convidando a todos para um mergulho na sabedoria ancestral, um desafio a despir-se das amarras do conhecimento tradicional colonial e abraçar a riqueza dos saberes populares.

A “aula” não se parecia com as de costume. A circularidade e o som da música norteavam os olhares que se des/encontravam em busca de uma nova forma de saber. A música era diferente, tocava o coração e perpassava pela pele, arrepiando cada fio de cabelo. Era um momento de descoberta, de reconhecimento da própria identidade em sintonia com a ritmicidade da vida.

E, assim, em meio a textos, documentários e cantos ancestrais, um novo caminho se abria. A palavra “amor” se tornou a chave que destrancou o coração de cada um desse grupo em específico que refletia sobre um amor político, cultural, social, comunitário. Um “amor” que “cura”, “liberta” e “acolhe”. A disciplina se tornou um espaço de reconhecimento e valorização da sabedoria popular.

Em meio a essa jornada de descobertas com alguns mestres dos saberes da cidade de Uberaba, propostos ao longo da disciplina, o encontro com o Mestre Aranha e sua arte ancestral da Capoeira Angola marcou profundamente a nossa trajetória. A roda da Capoeira Angola se tornou, para nós, um espelho da luta contra a discriminação institucional na educação, um espaço de resistência e de transformação social.

Direcionando-nos pela palavra “amor”, e com a escolha de investigar e sentir a sapiência do Mestre Aranha, as experiências no conhecimento da Capoeira Angola em seu espaço cultural nos atravessaram de formas distintas e subjetivas. A seguir, descrevemos tais atravessamentos através de depoimentos escritos em primeira pessoa, por cada membro do grupo que assina este trabalho:

Por “libertação”: No grupo “amor”, me expresso como “libertação” e como arte-educadora. Partilho conhecimentos prévios da Capoeira a partir do olhar artístico e de patrimônio cultural imaterial para essa manifestação. Conhecimentos de artistas que registraram a Capoeira, como o fotógrafo francês Pierre Verger e o pintor argentino Carybé, já faziam parte do meu repertório. Sou frequentadora e observadora não participante dessa manifestação na cidade de Uberlândia. O encontro pessoal com Mestre Aranha me atravessa pela rítmica da musicalidade, que me faz acessar sentimentos de pertencimento e ancestralidade enquanto mulher negra e artista plástica.

Na “libertação” da ignorância, a Capoeira é esperançosa. Uma eficiência que a amplia em variados substantivos como dança, luta, jogo e música. Abri meus olhos para essa manifestação cultural a partir da visita em uma exposição do artista Pierre Verger no Palácio das Artes, na cidade de Belo Horizonte, em 2005. Reconheci naquela exposição minha ignorância acerca de minha própria identidade como uma jovem negra. Minha religiosidade da época me trouxe certa cegueira. Eu não consegui enxergar minhas raízes antes da visita dessa exposição.

Desde então, minha curiosidade para descobrir minha real história e identidade veio à tona. Como estudante de artes visuais, naquele ano adentrei o mundo da cultura afro pelo caminho das artes. Eu, como “libertação” no grupo “amor”, encontro-me como nova educadora, na medida em que me descolonizo, me reeduco, e paro de reproduzir discursos de intolerância, para adotar uma nova postura como arte-educadora, exercendo com veemência os pressupostos da Lei Federal 10.639/03 (Brasil, 2003), através do ensino de arte no ato de construir uma escola antirracista pelo viés da cultura.

Por “cura”: No grupo “amor”, me identifico como “cura”. Como enfermeira e docente da Educação Profissional, reconheço minha ignorância e me coloco na posição de aprendiz, com humildade e a alma aberta para a sabedoria da Capoeira Angola. Antes, via a Capoeira como um excelente exercício físico, um bálsamo para o corpo cansado pelo sedentarismo e doenças do mundo moderno. Mas o encontro com o Mestre Aranha revelou uma verdade instigante: a Capoeira é uma arte ancestral que cura não apenas o corpo, mas também a mente

e a alma. A Capoeira é uma prática de comunidade, onde *“todos são iguais”*, e essa possibilidade de ver algo ser realizado com equidade me encantou desde o princípio.

Na “cura” da minha indiferença, a Capoeira é um ótimo medicamento. A música e o movimento criam um espaço sagrado onde as pessoas se descobrem, expressam seu verdadeiro eu e (con)vivem em sintonia e harmonia. É na ginga e no jogo que aprendemos a viver em uma sociedade amorosa, mesmo em face dos desafios impostos pelo racismo. A Capoeira nos ensina que a “cura” é um processo contínuo, uma busca por equilíbrio e reconciliação com a nossa própria essência. É na roda que encontramos a força para seguir em frente, com esperança e resistência, construindo um futuro diferente do que os nossos antepassados viveram, sejam eles brancos ou pretos.

O encontro com o Mestre Aranha me impulsionou a uma busca por autoconhecimento e a reconhecer minha própria falta de consciência sobre o racismo. A música “Eu quero me curar de mim” de Flaira Ferro (2017) ecoa em meu coração, refletindo a necessidade de construir valores humanos que me ajudem a viver em irmandade. Diante disso, constato que sou uma branca que não luta contra a discriminação institucional na educação.

Percebo que, como educadora, me encontro em uma posição de “[...] maldade em crise, tendo que reconhecer as fraquezas de um lado que nem todo mundo vê” (Flaira, 2017). É por isso que, como educadora, vejo-me como alguém que mantém o racismo estrutural e, por isso, faço em mim, como diz a mesma canção: “[...] uma faxina e encontrei em meu umbigo, o meu próprio inimigo, que adoece na rotina”. Contudo, seguindo a música, “[...] eu não tiver coragem pra enfrentar os meus defeitos, de que forma, de que jeito, eu vou me curar de mim?”. E, “[...] se é que essa cura há de existir, não sei, só sei que a busco em mim”. E, por isso, que eu VOU me curar de mim!

Por “acolhimento”: E, por último, eu, que cheguei depois no grupo “amor”, me identifico como “acolhimento”. Vinda do interior da Bahia, professora da Educação Básica, reencontro minhas raízes e memórias afetivas ao presenciar as práticas e movimentos do grupo Capoeira Angola conduzidas pelos Mestre Aranha. Sua tranquilidade e acolhimento me remetem à Bahia. É impossível não me tocar com a melodia e o ritmo que a Capoeira eterniza em mim.

Na minha realidade, vi a inclusão da Capoeira no espaço escolar, onde o colega capoeirista Dr. Uelber B. Silva¹ expunha em suas aulas a materialização da Capoeira como união, integração e vivências corporais. Percebo os mesmos elementos na condução do Mestre Aranha, o que ampliou minha aprendizagem, transcendendo a Bahia, e me fez ver uma Capoeira universal.

Nessa vivência, compreendo que a Capoeira traz um leque de oportunidades e um crescimento holístico para quem pratica e para quem a observa. A imaginação me leva de Uberaba à Bahia e, movida pela ginga e sabedoria estampada no corpo e no rosto do Mestre Aranha, o saber dele me toca de forma ímpar.

Na roda de Capoeira, há uma interação entre as gerações, desde crianças até idosos. Um processo de ensino-aprendizagem que transcende o movimento corporal e abrange um saber comportamental. Na roda, quando a ginga se acalma, os mais velhos compartilham seus conhecimentos e os mais jovens acolhem. Há escuta e a *Capoeira é uma conversa*, uma troca de saberes sem hierarquia, mas com muito respeito ao mais velho, ao que mais sabe, que não necessariamente é o mais velho em idade. Assim, a aprendizagem flui em via de mão dupla, traduzindo-se em embalo, encontro e até de *puxões de orelha*. Essa vivência com o Mestre Aranha reverbera em mim, e sinto que esta roda não para de girar, seja aqui ou na Bahia.

Eu, o “acolhimento”, como parte do grupo “amor”, encontro-me com a nova educadora que persevera e luta por inserir a Capoeira no conteúdo escolar. Agora, tenho certeza de que devo continuar essa luta contra a discriminação institucional na educação. Como apresentado na BNCC (Brasil, 2018), a prática da Capoeira desenvolve nos estudantes diversas habilidades, desde a comunicação oral e corporal até o desenvolvimento emocional ao cognitivo.

A atividade esportiva e a sua cultura ancestral estão inclusas no Componente Curricular Educação Física, no item Habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. Nesse viés, podemos entender que a Capoeira ganha mais um, dentre os vários elementos positivos. E destaco que a inclusão da modalidade esportiva na BNCC, a partir do ano 2018, reforça o trabalho que vem sendo desenvolvido em anos anteriores por vias legais, como nas Leis nº 10.639/2003 (Brasil, 2003), no seu artigo 26, e na Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que altera a Lei nº 9.394/1996.

¹ Uelber Barbosa Silva é Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e foi professor Instrutor de Capoeira na rede pública de ensino em Vitória da Conquista/BA, nos anos de 2021 e 2022.

No tópico a seguir, contextualizamos a Capoeira Angola, sua origem e características, assim como seu valor cultural e educacional.

2.2 A CAPOEIRA ANGOLA: ESPELHO DA LUTA ANCESTRAL

*“vamos remar junto, e vamos aportar juntos”
(Mestre Aranha)*

Praticada pelo povo escravizado, a Capoeira Angola foi considerada crime pelo código penal brasileiro em 1890, permanecendo proibida até 1937, conforme afirma Carvalho (2018). A roda de Capoeira ganhou seu reconhecimento como patrimônio imaterial pela Unesco em 2014.

Ela se difere de outras formas de lutas, por ser acompanhada da musicalidade. Neste contexto, as palavras entoadas na rítmica trazem aprendizados pautados no cotidiano das experiências do negro escravizado, cuja oralidade transmite conhecimentos que vão marcando a memória e a tradição de um povo. Toledo e Barrera-Bassols (2015) colocam que esses saberes, passados de geração para geração, são conhecimentos imprescindíveis e cruciais, por meio dos quais a espécie humana foi moldando suas relações com a natureza.

Mestre Aranha é um guardião da tradição da Capoeira Angola em Uberaba, mantendo viva a ancestralidade transmitida oralmente e honrando o legado de seu grande inspirador, Mestre Pastinha. Com paixão e dedicação, ele ensina em um espaço não formal, preservando a essência da arte e seguindo os preceitos do seu mentor.

A resistência é um aspecto central dessa tradição. Diante da permanência da discriminação racial, os mestres da Capoeira Angola mostram a importância de superar a opressão imposta pela branquitude. Esse trabalho de preservação da arte e da cultura da Capoeira Angola é fundamental, e seus frutos são vistos nos documentos norteadores sobre a Educação Física (Brasil, 2018) os elementos da Capoeira se destacam, no sentido de assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos.

A Capoeira Angola, na atualidade, contribui para a manutenção da memória da resistência negra, uma luta “[...] travada durante todo o período da escravidão, indo da resistência individual às insurreições urbanas e aos quilombos” (Bento, 2022, p. 38). Essa luta, infelizmente, perdura até hoje, e parece não ter fim. É no cotidiano, porém, que a esperança

renasce, “[...] e do meu canto, nasce, cresce, vence minha esperança, deixa eu cantar, quando eu canto sou mais negro, sou mais forte, tenho a vida e tenho a morte” (Taiguara, 1968).

É por isso que afirmamos que a Capoeira no Brasil é um dos instrumentos que difundem a História e Cultura Afro-Brasileira, dando materialidade ao que preconiza a Lei nº 10.639 de 2008 (Brasil, 2008). Esta lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional e incluindo no currículo oficial de todas as redes de ensino, públicas e privadas a obrigatoriedade da temática. A prática da Capoeira, como de outras atividades que remetem à memória e às histórias dos povos afros e ancestrais, legitimam as lutas, movimentos e ações dos povos originários, que têm direito de verem suas histórias respeitadas em todo o território nacional e fora dele.

Imbuídas de atenção, acompanhamos/aprendemos com Mestre Aranha nos seus relatos sobre o Mestre Pastinha (1889-1981). Este, nascido em Salvador (BA), foi um grande difusor e organizador dos fundamentos da Capoeira Angola, pois orientava os capoeiristas a manterem-se alinhados, bem-vestidos e calçados, com os corpos cobertos, muitas vezes usando roupas brancas. Inclusive, na Capoeira Angola, é tradicional o uso de camisa com manga, colocada por dentro das calças e cintos cingidos à cintura. Essas atitudes eram consideradas subterfúgio para que a Capoeira deixasse de ser vista como algo fora da lei e de que fosse minimizada pela sociedade.

Em cada movimento e golpe, Mestre Aranha teoriza sobre as limitações que o sistema impõe à Capoeira, e como esta se adapta para resistir e sobreviver diante do olhar e das atitudes colonizadoras que a criminalizam. Ele explica que, para resistir, a Capoeira precisou *ser camuflada. Ela é uma dança? Uma luta? Um esporte? Uma religião?* Ele reforça que a definição do que a Capoeira é depende de quem a vê: *para os negros escravizados era resistência e contato com os ancestrais e na visão do capataz era uma bobagem*. Por isso, ele a define como *uma incógnita*.

O Mestre ainda ensina, assim como Frigerio (1989) descreveu, que nos movimentos e golpes da Capoeira estão presentes metáforas da presença e resistência do capoeirista em um processo de descolonização. Implícitas a essas metáforas, encontram-se elementos poéticos que, como um espelho, refletem a imagem dessa luta ancestral: a ginga da liberdade o jogo da comunicação, o toque do coração e o canto da ancestralidade. Esses elementos foram identificados a partir de nossa própria observação nas visitas ao centro cultural.

O primeiro elemento que destacamos é a ginga, que para nós representa a liberdade, o equilíbrio, a resistência e a fluidez. Entendemos que esse elemento é um pilar para/na luta antirracista, o que foi refletido pelo grupo no aprofundamento da compreensão da Capoeira. Aprendemos que a ginga é uma das técnicas básicas fundamentais. Ela dá base para a fluidez do movimento, pois o capoeirista inicia seus passos pela ginga e sempre retorna a ela em suas ações frente ao oponente. A ginga é, portanto, um dos alicerces primordiais, pois o gingar representa a própria liberdade.

A Capoeira ginga e a Capoeira canta para que a luta continue a promover a liberdade. Esse fluir contínuo e esse fruir da Capoeira são essenciais. E a que tipo de liberdade eles se referem? Nós sentimos em todas as falas que ouvimos que é a liberdade do corpo, da expressão, da ancestralidade; a liberdade de se movimentar livremente, em oposição às amarras impostas pela sociedade nos dias de hoje, e pela escravidão em tempos passados.

A ginga, com sua fluidez e graça, simboliza essa busca pela libertação, pela autonomia do indivíduo e da comunidade negra que a Capoeira carrega em sua essência. É um movimento de resistência e empoderamento, frente a um sistema que buscou suprimir essa manifestação do saber popular. Gingar é livre dentro dos movimentos do capoeirista e, tecnicamente, o alicerce de como retomar ao centro do equilíbrio de suas ações dentro da roda.

Ao estabelecer essa relação com o processo ensino-aprendizagem, Mestre Aranha salienta que *a queda é certa se não houver o equilíbrio*, e que isso se aplica à *vida para agir perante o sistema*. A ginga é livre, mas o sistema opressor é rígido ao ato de resistir quando se trata do acolhimento da causa negra. Eis o desafio do capoeirista na luta antirracista: jogar com liberdade em um sistema que, na atual conjuntura, rotula o racismo de “mimimi”. Como diz Mestre Aranha, *é no molejo da ginga que se cria a abertura com o oponente*.

Outro elemento que destacamos é o jogo da comunicação, que vimos como interação, respeito e criatividade, na construção de um espaço de diálogo e compreensão mútua. Esse elemento é assimilado na roda.

Na roda de Capoeira, todos são tratados como iguais, unindo pessoas distintas numa mesma diretriz de valores, não importando em que profissão o capoeirista atue: seja *médico, gari, advogado ou pedreiro*, o *espaço de diálogo na circularidade da roda é respeitoso*, olhando para o jogo como uma oportunidade de compreensão do outro e podendo ser você mesmo.

A possibilidade de socialização dentro da roda de Capoeira oportuniza o aprendizado de sua trajetória e história. É na roda que emerge a disciplina, a compreensão mútua, o diálogo,

o estímulo da criatividade pela musicalidade, corporeidade e espontaneidade. A interação com o outro no jogo dialógico desta comunicação conflui no assumir a presença do negro e sua contribuição histórico/cultural na gênese deste país.

O terceiro elemento a nos impressionar foi o toque do coração, representado pelo ritmo e melodia como recursos para a construção de um ambiente de afeto e pertencimento. Esse elemento se faz pela presença da musicalidade.

A musicalidade na Capoeira traz encantamentos. Mais do que um simples objeto que compõe a roda, o berimbau, como instrumento de corda, traz afetos. Como são cantadas em algumas canções de Capoeira: “O que é o berimbau? Uma cabaça, um arame e um pedaço de pau”. Ele dita a rítmica e o andamento do jogo. Uma roda é composta por três berimbaus: o gunga, médio e o viola. Cada um apresenta sua função na harmonia e regência do conduzir a rítmica da roda. Mestre Aranha traduz esse sentimento de tocar o berimbau como: *a gente conta o segredo para o berimbau, ele é seu companheiro*. Além dele, fazem parte da bateria: pandeiro, caxixi, agogô, reco-reco e atabaque.

No pulsar desses toques, os corações dos participantes também pulsam em sintonia, e, ao contato com esses instrumentos, suas aprendizagens rítmicas, melódicas e harmônicas os levam a sentir pertencimento e a despertar o empoderamento de suas identidades.

O quarto elemento que não poderia deixar de ser mencionado é o canto da ancestralidade, uma expressão de amor pela própria história que, junto aos demais elementos, atua como instrumento para a formação da consciência crítica. Esse elemento se define pela ancestralidade presente na palavra.

A Capoeira traz também em suas raízes uma estrutura ritual e, nesta estrutura de matriz africana, como aponta Leite (1995/1996), a palavra é um valor civilizatório importantíssimo para algumas sociedades. A palavra cantada, que aparece na função dos *griots* africanos como mensageiros e guardiões da memória, está presente na oralidade da Capoeira. A força da palavra, geradora de vida, se presentifica através das histórias narradas nos cantos da Capoeira. Canto este que evoca o saber ancestral e que se preserva de geração para geração na memória coletiva de um povo.

Sendo assim, o canto como expressão ancestral se faz aqui um instrumento crítico-reflexivo, sendo promotor de consciência história acerca da afirmação da presença do negro e de sua trajetória de luta e sobrevivência neste país.

Diante das reflexões a respeito desses elementos poéticos percebidos através de nossa visita ao Centro Cultural Capoeira Angola Tradição, a Capoeira se revela como uma

forte manifestação de resistência, em que o jogo é sintetizado e refletido no corpo, na sonoridade e na palavra como aparatos simbólicos que refletem a luta ancestral.

Ahaah... O som ecoa, cantado, poetizado e libertado por Mestre Aranha na roda, ao longo dos cantos. É marcante, deixa em nós um turbilhão de emoções, uma mistura de alegria e dor, de inclusão e segregação, de força e submissão. É a vadiagem da Capoeira, que é muito mais do que ociosidade, é movimento constante no momento oportuno, é liberdade. Um canto de amor comunitário.

2.3 O JOGO DA DESIGUALDADE: A DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONAL NA EDUCAÇÃO

*“fingir que não estava lutando lhe dava força e o conectava com os ancestrais”
(Mestre Aranha)*

A jornada de autoconhecimento se iniciou com um choque de realidade: a constatação, por uma mulher branca educadora, próxima da aposentadoria, de que carregava, inconscientemente, o fardo do racismo. A incredulidade inicial deu lugar à curiosidade e ao desejo de compreender as complexas nuances da discriminação. Nesse processo, a descoberta da palavra "retinta", um termo desconhecido, revelou a multifacetada natureza da discriminação que atinge as pessoas negras de forma dolorosa.

A realidade racial brasileira, revelada pelos dados do IPEA de 2022, é um retrato da desigualdade. As disparidades de gênero e raça no Brasil se manifestam de forma alarmante nos níveis de escolaridade e no mercado de trabalho, perpetuando a discriminação institucional na área de educação e impactando diretamente as oportunidades e condições de vida da população negra. A consciência dessa educadora, acima citada, de que estuda e trabalha em uma instituição majoritariamente branca, coloca-a em uma posição privilegiada, mas também a torna responsável por combater essa desigualdade.

O encontro com o Mestre Aranha, na roda de Capoeira Angola, foi um momento de transformação. Ao som do berimbau, ouvi-se o canto "*bota fogo no canaviá, eu quero vê queimá*", uma expressão de revolta e resistência. Inicialmente, a educadora não compreendeu o significado daquele canto, mas na conversa com o mestre e na análise de dados estatísticos, começou a entender a profunda razão por trás daquele brado ancestral.

As oportunidades ainda são desigualmente distribuídas, favorecendo os brancos. Os dados alarmantes revelam uma estrutura de injustiça que se reproduz há séculos. Compreende-se, a partir disso, porque o mestre afirma que a Capoeira é uma luta intelectual, uma luta por reconhecimento e liberdade.

Descrevemos esses dados injustificáveis para o século XXI. Segundo IPEA (2024), em 2022, 37% das mulheres negras não tinham concluído o ensino fundamental, ao mesmo passo em que 41% dos homens negros também não tinham essa conclusão. Em contraste, apenas 27% das mulheres brancas e 28% dos homens brancos não completaram o ensino fundamental. Esses dados se revelam piores no ensino superior: somente 15% das mulheres negras e 11% de homens negros alcançaram esse nível de escolaridade, enquanto 29% das mulheres brancas e 25% dos homens brancos atingiram essa meta.

A desigualdade racial também é evidente na renda financeira. No último Censo de 2022 (IPEA, 2024) a média salarial das pessoas brancas foi 87% maior do que a das pessoas negras. A diferença é ainda mais acentuada entre as mulheres negras e os homens brancos: os brancos possuem o dobro da renda por membro familiar. Quando falamos de renda estamos dizendo de valores muito baixos, com 7,4% da população negra vivendo com menos de R\$ 6,67 por dia. Quem hoje vive com esse valor? É possível comprar o que com menos de dez reais?

No mercado de trabalho, não é diferente. Em 2022, apenas 52% das mulheres negras e 75% de homens negros participavam da força de trabalho remunerada, em comparação com 54% das mulheres brancas e 74% de homens brancos (IPEA, 2024). Essa diferença de participação reflete barreiras estruturais e preconceitos que limitam o acesso das mulheres negras ao mercado de trabalho.

A falta de acesso à universidade impacta diretamente as oportunidades de trabalho e renda da população negra, criando um círculo vicioso de exclusão e pobreza. A análise dos dados destaca a urgência de políticas públicas que promovam a equidade racial e de gênero, abordando as raízes estruturais das desigualdades e garantindo oportunidades iguais para todos os cidadãos, a partir da compreensão da realidade de que as práticas excludentes ainda persistem em várias instituições, inclusive as de ensino superior.

Seria hipocrisia acreditar que a mudança virá da boa vontade de quem se beneficia do sistema de opressão. É preciso *botá fogo no canaviá*, é preciso *ver queimá* o poder de poucos para que muitos vivam dignamente. A luta contra a discriminação institucional é uma luta antiga, porém deve ser de todos e não pode ser silenciada. É preciso agir, é preciso transformar a

realidade, é preciso construir um futuro de justiça social, em que esta seja a regra e não a exceção.

A seguir, descreveremos nossas percepções sobre a possibilidade da Capoeira Angola contribuir na superação da discriminação institucional na educação.

2.4 O JOGO DA DESIGUALDADE: A DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONAL NA EDUCAÇÃO CAPOEIRA ANGOLA – A RODA COMO CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO INSTITUCIONAL NA EDUCAÇÃO

Jogo de dentro, jogo de fora (Coro), Jogo bonito é o jogo de Angola, Jogo bonito, berimbau e viola, Valha-me Deus, minha Nossa Senhora.
(Barbosa, 2005, p. 89)

Através da Capoeira, Mestre Aranha nos mostra rotas possíveis para o desbravamento de espaços na sociedade nos quais o negro possa estar inserido sem sofrer discriminação racial. Diante do racismo estrutural, encontrar esses caminhos para o negro ainda é um desafio no Brasil, em pleno século XXI (Bento, 2022).

No contexto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), disciplinas como esta que cursamos são iniciativas desafiadoras para criar esses espaços dentro da própria universidade. Professores que ascendem essas iniciativas aproximam a instituição formal e os detentores dos saberes ancestrais que estão nos espaços informais de ensino. Nessas aproximações, convidam-nos a entrar na roda e gingar, numa ginga metafórica na qual consigamos ressignificar nossos *eus* e nossas existências em diálogo com saberes decoloniais.

A legislação que criminaliza o racismo é fundamental, mas sua eficácia é limitada pela falta de compreensão do fenômeno estrutural. Isso ocorre porque a interpretação da norma se baseia em uma visão liberal individual, que considera o racismo apenas como uma injúria, e não como um fenômeno mais amplo e sutil. Portanto, é necessário modernizar o conceito de racismo para incluir manifestações sutis e institucionais (Cerqueira, 2021).

O racismo institucional é conexo ao assédio moral organizacional. É necessário considerar as consequências do racismo, incluindo o dano moral, psicológico, financeiro, entre outros. Além disso, segundo Cerqueira (2021), é fundamental que as instituições tenham uma ação ativa para combater o racismo estrutural, pois a simples omissão é uma conivência com o

racismo. A tutela jurídica do racismo estrutural também é um desafio. É necessário amadurecer o conceito de "Reparação Histórica" para considerar a reparação civil coletiva, especialmente em relação às empresas que acumularam capital com a escravidão. O racismo é imprescritível e não ocorre apenas na discriminação direta, mas também na utilização dos recursos frutos da escravidão. É possível falar em reparação civil desses danos à dignidade e ao patrimônio. Ainda de acordo com o autor, esse é um importante debate que precisa ser aprofundado.

Para tanto, estamos propondo que a roda de Capoeira seja o princípio de discussões sobre como enfrentar o sistema que fortalece a discriminação institucional na educação. E assim propomos porque a roda acontece na circularidade e na coletividade. No diálogo universidade/centro cultural e centro cultural/universidade acontece um caminho de mão dupla, em que os estudantes são inseridos na roda da Capoeira, e os mestres inseridos na roda da universidade. Essa integração se configura como uma ação cultural/social e é imprescindível que esses movimentos aconteçam para que ambos os lados compreendam a importância do diálogo, da presença física, da materialização de novas posturas. Assim, permite-se que novos paradigmas sejam formados, contribui-se para a disseminação de novos hábitos e culturas, para erradicar o preconceito, a intolerância, o racismo e a ignorância de uma sociedade "branca" e "colonial".

Em roda, o mestre ensina. Em roda, as falhas são apontadas para a melhoria de cada indivíduo e estas reverberam em seus comportamentos em sociedade. A disciplina é necessária. Até a criança que está inclinada a bater compreende na roda que *bater não é tão legal...*

"todos ensinam e todos aprendem, e depois mudam a visão, porque não basta dizer: eu sou angoleiro, é preciso ser exemplo"
(Mestre Aranha)

O processo de imersão nos permitiu descobrir que a roda de Capoeira é ainda mais ampla do que imaginávamos. Observamos que a realização de intercâmbios e eventos em outras cidades e regiões é uma forma importante de fortalecer essa prática, criando uma rede de apoio entre os mestres e ampliando a roda.

Durante nossa primeira visita ao centro cultural, participamos de um encontro regional em que encontramos parceiros do Mestre Aranha de outras cidades, como algumas da Bahia, além de Ribeirão Preto-SP e Uberlândia-MG. Nessas relações, notamos que, apesar das diferentes vertentes da Capoeira, a troca de experiências ocorre de forma prazerosa, reforçando os laços de amizade, irmandade e coletividade que surgem da experiência de estar

juntos. Conforme Frigerio (1989), podemos interpretar o aparecimento da Capoeira Regional como um "embranquecimento" da Capoeira Tradicional (Angola).

Nessa colocação, percebemos que, como várias manifestações culturais da cultura afro-brasileira, a forma reinventada que deriva da Capoeira Angola, a Capoeira Regional, é um ato de resistência para continuar a existir perante o olhar da branquitude. A negritude resiste, seus golpes contra o sistema opressor têm nome. O Mestre nos apresentou os seguintes golpes: varredura, cocorinha ponta de pé, cocorinha com a planta do pé, cocorinha negativa, rabo de arraia, meia lua de frente, meia lua de costas.

Na Capoeira, ocorre um processo dinâmico no qual múltiplas habilidades podem ser desenvolvidas. Trata-se de uma prática transdisciplinar, integradora e orientadora para pessoas que convivem em uma sociedade, preparando-as para desenvolver suas condutas psicomotoras, de acordo Souza Júnior, Nogueira, Carvalho Filho e Cavalcante (2023). Os autores ainda afirmam que, a partir dessa prática, o estudante pode desenvolver a lateralização, estruturação espacial, relação espaço-temporal, tempo de reação, coordenação motora, ritmo, entre outras habilidades primordiais para sua vida e seu processo de ensino-aprendizagem.

A partir da atividade integradora de juntar pessoas de vários lugares em uma roda, e de propiciar ao corpo o desenvolvimento de habilidades, é que vemos, na Capoeira, um leque de oportunidades. Os exemplos vivenciados no estado da Bahia, por uma das autoras deste artigo, reafirmam o potencial dessa modalidade esportiva.

Neste estado, a Capoeira já está inserida em algumas escolas e agora recebe o aparato legal por meio da Lei n.º 14.341 de 06 de novembro de 2024, "conhecida como Lei Moa do Katendê" (Bahia, 2024). A referida lei objetiva proteger e incentivar a prática da Capoeira em todo o estado, através da sua inclusão no currículo das escolas públicas. Dessa forma, surgem exemplos pelo Brasil que podem ser copiados, buscando, consequentemente, naturalizar a prática educacional/esportiva.

Construir uma educação antirracista perpassa não só por legislações aqui já mencionadas. Também são necessárias iniciativas de coordenações, de supervisões e dos docentes, visando ao combate da discriminação, para que os discentes aprendam a atuar na sociedade de forma assertiva. A perspectiva deve ser garantir a democracia racial, os direitos humanos e a cidadania.

Nesse sentido, conceber a circularidade da roda de Capoeira, seja com sua presença efetiva nas instituições educacionais, seja metaforicamente, é um caminho para superar a

discriminação institucional, na medida em que a circularidade da roda assume um papel pedagógico estratégico. Como afirma Silva (2011):

Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira nos diferentes níveis de ensino (Silva, 2011, p.169).

Sendo assim, a Capoeira é, sem dúvida, uma atividade gigante, que une, integra, agrega e socializa. Por isso, mesmo deve ser difundida em todo o território nacional, em especial nas práticas educacionais. Difundir e naturalizar os saberes ancestrais materializados por meio da Capoeira deve ser nossa tarefa ao longo dos anos, fazendo jus ao legado dos mestres e, em especial, ao nosso Mestre Aranha, que afirma: *O capoeirista sempre soube da força que tem.*

A seguir, colocamo-nos como sementes de esperança dentro das instituições que participamos para promover a Capoeira Angola e seus fundamentos na prática educacional.

2.4 SEMENTE DA ESPERANÇA: A CAPOEIRA ANGOLA NA EDUCAÇÃO

*“na capoeira se aprende a lidar com a própria ignorância”
(Mestre Aranha)*

O Mestre Aranha destaca o impacto transformador da Capoeira Angola na vida de pessoas vulneráveis, salvaguardando-as do sistema opressor. Essa arte marcial, inclusiva e transformadora, promove a socialização e integração de indivíduos em situação de vulnerabilidade social, independentemente da idade.

Surge, então, a pergunta: a Capoeira Angola pode ser um catalisador da luta antirracista? A resposta é um veemente sim. Essa arte que é luta, dança, esporte e religião, transforma vidas e empodera pessoas marginalizadas, sendo o corpo e a mente as principais armas na defesa de suas existências, conforme afirma o próprio Mestre Aranha: *a luta intelectual não é eliminar o outro, apenas dialogar.*

Assim, a Capoeira Angola se torna um recurso na luta antirracista, em consonância com o propósito da disciplina que promoveu esses encontros para mediar o diálogo entre a sociedade e a instituição educacional. Como afirma o Mestre, *a coordenação corporal se reflete na coordenação da vida. A plenitude da vida das pessoas negras no Brasil depende da*

superação do racismo, e a educação se apresenta como o principal caminho para concretizar essa transformação. Esse é o nosso desejo, expresso nos depoimentos pessoais que seguem nos parágrafos a seguir.

Como artista plástica e arte-educadora negra, busco construir uma escola antirracista e equânime através da arte, especialmente da representação da cultura afro-brasileira em Uberlândia. A descolonização do meu *eu*, inspirada em Grada Kilomba (2019), e o meu letramento racial, guiado pelo Mestre Guimes (Grupo de Capoeira Malta Nagoa), permitiram-me reconhecer minha ignorância e adotar novas posturas docentes. A experiência de praticar Capoeira Angola no Centro Cultural do Mestre Aranha ampliou minha percepção do "jogo". A experimentação corporal revelou a síntese do movimento, num processo de autoconhecimento e de consciência corporal, que transcende a simples observação. Foi possível observar a roda com outros olhos após a experimentação. O olhar do sentir. *Não basta ser angoleiro; é preciso sentir-se angoleiro.*

Como educadora branca em final de carreira, reconheço-me numa posição de aprendizado constante. A sabedoria do Mestre Aranha ainda não se traduz plenamente em minhas ações, pois a transformação exige que eu supere o conforto da branquitude, que me envolve como um casulo. A dor dessa metamorfose, essa necessária troca de pele, é o processo de desconstrução do racismo que habita em mim. É preciso romper com as estruturas que me mantiveram cega para a injustiça, para que eu, como uma borboleta liberta, possa voar em direção a um mundo que valoriza o amor político e comunitário, um mundo onde a equidade e a justiça social sejam mais do que meras utopias. A transformação é necessária: é a única forma de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao ler as estatísticas, vejo que a exclusão social tem cor e tem gênero. Que a minha transformação seja rápida. Que eu não me acomode no racismo estrutural diante de tanta dor e que eu seja justa por onde for, sem me calar diante de situações horrendas assim.

Como mulher negra, educadora das escolas do campo na Educação Básica, vou continuar minha luta pela implementação da Capoeira nos espaços em que faço parte, pois sou a prova viva de que ela oferece condições que vão além do cumprimento legal de extinção do racismo na sociedade. A Capoeira tem a capacidade de promover o bem-estar e aprendizados necessários na infância, assim como trazem valores fundamentais na formação de cidadãos comprometidos com a comunidade e com o futuro de todos. Enquanto educadora, pude presenciar o desabrochar de algumas crianças para o mundo do saber sistematizado, o saber

que exige as regras do mundo letrado, utilizando o saber propiciado pela prática da Capoeira. É por meio do gingado do corpo que eles executam o traçado das letras cursivas: é neste momento que o cérebro estabelece conexões entre as aprendizagens adquiridas nas rodas da Capoeira. E, assim, eu sigo afirmando que jogar Capoeira é conhecer seu corpo e seus movimentos; e escrever a letra cursiva é deixar que seus dedos exerçam os movimentos imaginários do corpo num pequeno espaço de linhas traçadas e desenhando letras, saberes e aprendizados. Essa é a Capoeira que traz o saber de forma holística.

A Capoeira Angola, em sua simplicidade, acontece no simples gesto cotidiano – varrer o chão, pegar um objeto – e o transforma em ato de consciência e resistência. Assim como a luta contra o racismo estrutural exige a consciência da injustiça para ser eliminada, a Capoeira nos convida a observar o mundo com outros olhos. O Mestre Aranha define a palavra amor como *vida* e a Capoeira como *um modo de vida* que transcende, *que educa para a liberdade*.

2.4 FALA MESTRE!

Então, de posse desse material escrito nesse texto, e desse conhecimento, o que fazer com ele?

Esse material deve ser analisado, aprofundado... Deve ser refletido sobre tudo que está escrito e sobre as vivências. Sobretudo, tratar esse material com os olhos de quem viveu a experiência. E traçar um paralelo com as informações técnicas, com os saberes populares e acessar a ancestralidade. Depois, começar um trabalho de transmissão desse legado.

Mas isso tem que ser feito com o coração aberto. Deve ser feito com a alma... Assim como... Vocês que tiveram essa vivência convidem as pessoas para, também, terem essa experiência. Porque é só vivendo e participando que a gente tem a dimensão de uma parte desse conhecimento. Evidente que não é tudo de uma vez que a gente assimila, é aos poucos...

E, assim, você consegue se inserir nesse mundo do saber popular! Para quem viveu essa experiência, quem gostou, continue vivendo! Continue buscando esses conhecimentos dos saberes ancestrais. Porque esses saberes abrem portas. E a gente não imagina o que pode ser acessado e que porta pode ser aberta. Esse conhecimento tem o poder de abrir portas, de nos remeter ao passado, de mergulhar num universo onde a gente sequer imagina que existe e que é um universo que está dentro de nós.

E essa mudança é gradual e sistemática. É um caminho sem volta! Porque quando você mergulha nesse conhecimento, quando você mergulha nessa estrada, começa a trilhar um

caminho que te leva a lugares que só os seus ancestrais andaram, só os seus ancestrais acessaram.

Agora, chegou a sua vez de acessar esse conhecimento, esse saber e essa espiritualidade... Isso é muito legal. Isso é muito importante! Mas quero dizer: se permitam... se permitam viver essa experiência, abram esses horizontes... Vire a chave!

Todo esse conhecimento está canalizado em algum lugar, ele é acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses estudos sobre a Capoeira Angola, foi possível constatar que é na simplicidade do cotidiano que se encontram seus movimentos. O modo de vida Mestre Aranha nos convida a transcender para uma educação que conscientize sobre as questões do racismo estrutural, educando para a liberdade pela via do amor, transcendendo a forma de observar o mundo e agir perante ele. Um agir que se encontra na ancestralidade, na musicalidade, no movimento.

Estamos prontos para essa transgressão na educação? Estamos prontos para desconstruir as estruturas de poder que reproduzem a discriminação institucional? Estamos prontos para abraçar a luta antirracista como um modo de vida, e não apenas como um tema a ser discutido em sala de aula?

Ao fim deste artigo, não temos conclusões ou considerações finais. Temos começos de reflexões conscientes e potencialmente transformadoras. E temos mais perguntas: Como podemos incorporar a sabedoria ancestral da Capoeira Angola para criar espaços educativos verdadeiramente inclusivos e transformadores? Como fazer com que a ginga da resistência se expanda para além das rodas de Capoeira e alcance as estruturas de poder que perpetuam a discriminação?

Nós, como doutorandas de um Programa de Pós-Graduação em Educação, estamos em constante processo de reflexão: uma se descolonizando, outra iniciando suas práticas antirracistas e outra exercendo o seu pinga de água no meio de um incêndio chamado discriminação. Mas e quanto a nós como sociedade? Como garantir que todos, independentemente de raça ou gênero, tenhamos acesso a uma educação de qualidade, liberta de preconceitos e discriminação?

As respostas a essas perguntas requerem uma reflexão profunda sobre o nosso papel como educadores e como cidadãos comprometidos com a construção de uma sociedade justa e igualitária. Dessa forma, ouvimos a voz da experiência e da sabedoria através do *Fala Mestre!* E o mestre, em sua oralidade, falou!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BAHIA. **Decreto Nº 23.204 de 06 de novembro de 2024.** Regulamenta a Lei 14.341 de 10 de agosto de 2021, que dispõe sobre a Salvaguarda e o Incentivo da Capoeira no Estado da Bahia. Salvador: Governo da Bahia, 6 nov. 2024. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/decreto-n-23204-2024-bahia-regulamenta-a-lei-n-14341-de-10-de-agosto-de-2021-que-dispoe-sobre-a-salvaguarda-e-o-incentivo-da-capoeira-no-estado-da-bahia>. Acesso em 19 set. 2025.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: A gramática do corpo e a dança das palavras. **Luso-Brazilian Review**, Madison, v. 42, n. 1, p. 78-98, 2005. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/19/article/187709/pdf>. Acesso em 1 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 set. 2025.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil:** Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f503Y61UMJpWT25a>. Acesso em 5 nov. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.172, de 9 de janeiro de 2001, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em 5 nov. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 11 mar. 2008. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 5 nov. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
CARVALHO, Talita. A capoeira como ato de resistência. **Politize!**, [s. l.], 31 jul. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/#:~:text=Foi%20somente%20em%201937%20que,da%20primeira%20delas%2C%20em%201932>. Acesso em 10 nov. 2024.

CERQUEIRA, Lucas de Oliveira. Responsabilidade Civil nos Crimes Raciais: Atualização necessária do conceito jurídico de racismo. **Revista Direito UNIFACS - Debate Virtual**, Salvador, v. 1, n. 247, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/7074>. Acesso em 12 nov. 2024.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: Para uma Sociologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

FERREIRA, Beatriz Alves; SOUZA, Denise Caroline de; RÉDUA, Laís de Souza; MACEDO, Cleuza Rezende; NASCIMENTO, Jairo Adriano Almeida do; TAROZO, Larissa de Freitas Paula Silva. “Ah, se meu Ojá falasse”: um Relato sobre a Produção de uma Bionarrativa Social (BIONAS). In: KATO, Danilo Seithi; TEIXEIRA, Luciana Almeida (org.). **Interculturalidade e educação popular**: bionarrativas sociais para a diversidade. Belém: RFB, 2022. p. 61-86.

FLAIRA Ferro – Me curar de mim. [S. l.: s. n.], 19 fev. 2017. 1 vídeo (4 min 8 s), son., color. Publicado pelo canal Flaira Ferro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3b0z2AV2pil>. Acesso em 1 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte de branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 85-98, 1989. Disponível em: <https://centroafrobogota.com/attachments/article/34/Alejandro%20Frigerio%20-%20Capoeira.%20De%20arte%20negra%20a%20esporte%20branco.pdf>. Acesso em 19 set. 2025.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Indicadores. Educação. In: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. Brasília, DF: IPEA, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/educacao/apresentacao>. Acesso em: 01 nov. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **Africa**: Revista do centro de estudos africanos, USP, São Paulo, v. 18-19, n. 1, p. 103-118, 1995/1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/view/74962/78528>. Acesso em: 13 set. 2025.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 75-117.

RODRIGUES, Judivânia Maria Nunes. O corpo que joga, ginga e dança: a Capoeira Angola na arte-educação. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 67-81, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: 10 nov. 2024

SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves. Políticas de reparação, reconhecimento e valorização de ações afirmativas. *In*: FILHO, Guimes Rodrigues; PERÓN, Cristina Mary Ribeiro (org.). **Racismo e Educação: Contribuições para a implementação da Lei 10.639/03**. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 168-171.

SOUZA JÚNIOR, Darilson Cassiano de; NOGUEIRA, Douglas do Amaral; CARVALHO FILHO, Isnaldo Nunes de; CAVALCANTE, Morena Antunes de. **A influência da capoeira no desenvolvimento psicomotor de crianças**. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Educação Física, Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Recife, 2023.

TAIGUARA – Negróide. [S. l.: s. n.], 16 ago. 2014. 1 vídeo (3 min 7 s), son., color. Publicado pelo canal Taiguara. Disponível em: <https://youtu.be/aqZjXODInLU?si=U3fIE2Lu3AG3WDhP>. Acesso em 15 nov. 2024.

TOLEDO, Victor M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica dos saberes tradicionais**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.